

CAROS ALUNOS DA EPPS, MEUS LEITORES.

Não dato esta missiva, por não saber em que ano nos encontramos, século muito menos, no entanto, fiquei bastante honrado de ser conhecido cento e tal anos após o meu desaparecimento. Gostei dos rios de tinta que gastaram para analisar as minhas obras, mas isso de Gigabites deixou-me confuso.

Cresci numa Europa muito controversa e possivelmente muito idêntica à vossa, porque a mentalidade humana não sofre grandes mudanças. Quanto à vossa saudade da minha época do **Bom Gosto e do Bom Senso**, leva-me a descrever um pouco os anos áureos da minha vida.

A Europa de que vos falo, envolveu-se num movimento, uma espécie de “Santa Aliança” que é não só uma revolução de nacionalidades como também uma luta de classes, ou melhor dizendo, uma aliança de Reis contra os Povos. Os três grandes Impérios: O Austríaco, o Otomano e o Czarista batiam-se pela nacionalidade e pela autonomia, ao passo que aqui em Portugal a luta no nosso Império era mais *soft*, era intestina.

Na Alemanha, as massas doutrinadas pelo liberalismo procuravam sacudir a estrutura feudal que impedia a ascensão da pequena burguesia e asfixiavam as comunicações comerciais dentro do País. O primeiro Parlamento Unitário Alemão nascia em Frankfurt, e na França a pequena burguesia e o proletariado protestavam contra o regime de Carlos X e o governo de Guizot. Proudhon ensaiava uma das suas quimeras ao mesmo tempo que no proletariado confundiam-se as classes em diversos interesses: O artesão; o *campagnon* errante e o proletariado propriamente dito, o que levou ao malogro da primeira experiência socialista, com as massas proletárias a serem espingardeadas nas ruas de Paris pela tropa burguesa sobre o comando de Cavaignac.

Sobre as ruínas da República Francesa, surgiu um aventureiro aureolado pelo nome de Napoleão III, personagem taciturno e mesquinho, julgando-se governador do mundo. Eu, José Maria Eça de Queirós, aparecia pela primeira vez nos jornais portugueses como cronista na “Gazeta de Portugal” e em Évora fundei e dirigi o jornal da oposição “O Distrito de Évora”.

Bismarck governa a Alemanha como testa de ferro desde 1862. Em Itália o Papa Pio IX senhor do poder, mais económico que religioso, viu-se despojado do apoio das tropas francesas, e Roma passou a ser dominada pela vontade do povo e pelo exército do rei Victor Manuel. Enfim, muito teria a dizer das confusões entre Polacos, Russos, Checos e Húngaros etc. “Fica para uma próxima”.

A nossa vizinha Espanha, também não fugia às revoluções partidárias, a Rainha Isabel foi expulsa do reino por culpa do general Narvaez, grande déspota, que manteve um regime de terror. Graças a Deus a monarquia liberal é reposta pelos revolucionários chefiados por Prim. Entretanto “Os Vencidos da Vida”, de que faço parte, assistiam e seguiam com interesse o desafio entre movimentos antagónicos, o idealista e o neocristão, do final do século XIX; a Aliança da Igreja e do Mundo Oficial face ao socialismo, ao anarquismo e à paz armada servia para sustentar a saída da produção industrial e o poder de compra do consumidor. Em face desta ordem de ideias venceu o antigo movimento socialista, que já curado das utopias proudhonianas, se organiza para a luta política defendendo pela greve os seus interesses de classes. Não concordando com esta gestão, um grupo de fanáticos saídos deste movimento torna-se o centro bastardo e excêntrico do terrorismo anarquista.

Caros alunos, há dois acontecimentos que marcaram dignamente o final do século XIX, o primeiro diz respeito à Grande Exposição de Paris de 1878. O segundo, graças ao capital

francês, é a construção do Canal do Suez, a cuja inauguração tive o prazer de assistir em companhia do Conde de Resende. Grande obra este Canal do Suez, que serviu para o transporte dos produtos comerciais entre os Países Árabes e a Europa. Foi sol de pouca dura. Este intercâmbio comercial viu-se interrompido devido a conflitos intercontinentais. Um facto insólito diz respeito a um cidadão inglês, que detinha o velho hábito de chicotear os empregados árabes, provocou um conflito de cinco horas de duração, entre europeus e árabes, ao disparar o seu revólver sobre os seus empregados que em resposta ao chicote o tinham presenteado com umas boas cacetadas. Não sei onde isto vai parar. Era a Inglaterra contra o Egipto, e a França contra o Sião na mesma intriga de pretextos fantasiados e o mesmo objectivo final, “a rapina”. Espero que esta rivalidade entre europeus e árabes não aconteça no vosso tempo, e que o terrorismo seja uma má lembrança do passado, pois na minha época, misturado ao anarquismo e ao niilismo, provocava o caos e um permanente sentido de perigo. Considero bizarro e teatral a maneira como os terroristas se entregam à Polícia, e uma inutilidade os seus atentados, que talvez sejam fruto do gosto pela emoção sempre nova e desconhecida. Em toda a teoria do anarquismo, apenas uma proposição é exacta *“Aquela pela qual o anarquista se prende ao socialismo e que estabelece com razão, contra uma organização social, onde uma classe possui todos os gozos e outra sofre todas as misérias é iníqua.”*

A minha vida em Portugal é bastante atribulada. Desde o meu nascimento no dia 25 de Novembro de 1845 na bonita terra sobranceira ao mar da Póvoa do Varzim, ao meu internato no Porto no Colégio da Lapa, passando pelo meu ingresso na Universidade de Coimbra onde me formei em Direito, raramente estive parado. Finda a formatura segui a via diplomática, e para obedecer a um requisito desta carreira, fui nomeado administrador do Concelho de Leiria onde apreciei a vida numa cidade de Província, domínio de homens clericais, picuinhas e caquéticos, a sociedade Portuguesa da época. Os meus romances são uma espécie de demonstrações pormenorizadas desta existência. “Os Maias” e “A Capital”, com grande variedade de figurantes são estruturas que escondem (ainda que incompletamente) a massa do material observado, é também o caso de “O Crime do Padre Amaro”, de “O Primo Basílio”, de “A Ilustre Casa de Ramires”, de “A Cidade e as Serras”, de “O Conde de Abrantes”, etc.

Exponho certo número de ideias bem definidas e nitidamente formuladas; Com as quais idealizei os meus contos e os meus romances, dominando interiormente as personagens, tentei ser um estilista, dando nova fórmula a ideias correntes, não pretendo ser um filósofo criador de sistemas, nem um poeta portador de intuição pessoal da realidade, mas apenas retratar a realidade tal como a observo. A minha preocupação é alcançar a receita mais exacta ou o símbolo mais adequado a uma dada ideia. Atribuí este dom a Fradique, a *“percepção extraordinária da realidade”*, isto é, *“do exacto, real e único modo e ser”* de cada coisa, manifesta-se e confunde-se, identifica-se mesmo creio eu – no *“seu poder de definir”*.

“Possuindo um espírito que via com a máxima exactidão; Possuindo um verbo que traduzia com a máxima concisão de resumos absolutamente profundos e perfeitos. Há meia dúzia de temas nos meus romances que se repetem e que constituem ao mesmo tempo o fulcro da sua actividade: A educação da mulher e o adultério, a vacuidade da literatura ultra-romântica; A nulidade e o verbalismo dos políticos constitucionais; a vida escassa e vazia do funcionalismo das secretarias, o anticlericalismo e pouco mais. No entanto desejei escrever uma prosa que só por si própria, separada do valor do pensamento exerça sobre as almas a acção inefável do absolutamente belo, alguma coisa... que só por si, realize uma absoluta beleza.”

O interesse do estudo das minhas obras e das minhas ideias está talvez nisto: revelar-vos numa fórmula perfeita as ideias colectivas de um certo grupo social num certo momento histórico.

Experimentem esta hipótese.

Para Eça de Queirós, pela ousadia, pedimos desculpa. Os alunos do 2º E·

Trabalho de pesquisa, realizado nas aulas de Português sobre as obras de Eça de Queirós e resposta à carta “Eça na EPPS em 2009”.

Da Cal, Ernesto G. *Linguagem e estilo de Eça de Queirós*. Trans. Helena Cidade. Nova ed. Lisboa: Aster, 1953. Print.

Saraiva, António J. *As Idéias de Eça de Queirós*. 1st ed. Lisboa: Gradiva, 2000. Print